

Anexação da Crimeia e a Crise da Ucrânia sob a perspectiva político-estratégica da Rússia

Crimea annexation and the Ukraine crisis from Russia's political-strategic perspective

Fernando da Silva Rodrigues*

RESUMO

O objetivo do ensaio é analisar a anexação da Crimeia e a Crise da Ucrânia sob a perspectiva político-estratégica da Rússia. As seções do ensaio foram desenvolvidas em quatro partes. A primeira parte é referente à introdução ao estudo. A segunda parte envolve a análise da Guerra da Geórgia em 2008 e a Guerra da Ucrânia de 2014 como laboratórios para mudanças na doutrina militar russa. A terceira parte teve como objetivo discutir, por meio da literatura e de documentos, a renovação da doutrina militar da Rússia e o emprego de um novo tipo de guerra. Por fim, foram apresentadas reflexões finais e implicações para o Exército Brasileiro.

Palavras-chave: Guerra Híbrida. Crimeia. Política. Doutrina Militar Russa. Ucrânia.

ABSTRACT

The purpose of the essay is to analyze the Crimean Annexation and the Ukraine Crisis from Russia's political-strategic perspective. The essay sections were developed in four parts. The first part refers to the introduction to the study. The second part involves analyzing the 2008 Georgian War, and the 2014 Ukrainian War, as laboratories for changes in Russian military doctrine. The third part aimed to discuss through literature and documents the renewal of Russia's military doctrine and the use of a new type of war. Finally, final reflections and implications for the Brazilian Army were presented.

Keywords: Hybrid Warfare. Crimea. Policy. Russian Military Doctrine. Ukraine.

* Doutor em História Política, professor do PPGH da Universidade Salgado de Oliveira, coordenador do Grupo de Pesquisa História Militar, Política e Fronteiras do CNPq, coordenador do GT de História Militar da ANPUH-RJ e da ANPUH-Nacional, pesquisador do Centro de Estudos Estratégicos do Exército, diretor da Rede Hermes - Pesquisadores Internacionais de Fronteiras, Integração e Conflitos, e Jovem Cientista do Nosso Estado da FAPERJ.

Sumário Executivo

Este ensaio tem por objetivo analisar a anexação da Crimeia e a Crise da Ucrânia sob a perspectiva político-estratégico da Rússia. O estudo faz parte de uma proposta mais ampla de pesquisa sobre conflitos armados e emprego militar, que integra a agenda de investigação do Núcleo de Estudos Prospectivos do Centro de Estudos Estratégicos do Exército para o ciclo de 2020/2021, relacionada à análise da operacionalidade do conceito de guerra híbrida nos conflitos contemporâneos e seu suposto impacto para a segurança nacional.

O trabalho foi desenvolvido a partir do debate sobre os estudos da crise na região, demonstrando que nenhum país está imune contra novas ameaças e novas tensões surgidas no mundo contemporâneo, pós-Guerra Fria, principalmente, quando pensamos na manutenção da soberania, na preservação da democracia e na integridade do território.

A investigação demonstrou que um aspecto importante da guerra russa na Ucrânia em 2014 foi aproveitar o estado de convulsão social existente, favorecido pelo ambiente político com grandes índices de corrupção e criar diferentes interpretações dos acontecimentos, tanto na população local afetada pelos ataques, como na comunidade internacional. Essa condição, estabelecida na primeira fase operacional da guerra russa, permitiu a fabricação de uma narrativa dominante como verdadeira sobre o que estava acontecendo, dificultando o seu entendimento e moldando a opinião pública.

De fato, a pesquisa mostrou as ferramentas utilizadas pela Rússia, que criou uma forma bastante eficaz de lutar em um ambiente de amplo espectro. Ao utilizar uma variada forma de estratégias contra seus inimigos, a Rússia soube potencializar todas as facilidades desse ambiente, operando com atores estatais e não estatais, com grupos criminosos, com forças de operações especiais e com a diplomacia para alavancar a convulsão social e a instabilidade do inimigo, dificultando sua tomada de decisão. Fica claro que o novo tipo de guerra empregado pela Rússia na Ucrânia serve como importante ponto de observação e estudo para a Força Terrestre brasileira.

1. Introdução

Como observamos no primeiro ensaio, quando enfatizamos uma discussão mais conceitual, o debate sobre Guerra Híbrida não é tão recente assim e não surgiu com a interpretação do conflito da Rússia com a Ucrânia em 2014, tendo sua origem na evolução complexa das teorias da guerra de quarta geração, guerras compostas, guerras irrestritas, guerras assimétricas e guerras irregulares. Nesse caso, a guerra híbrida se encaixa na tradução de *hybrid warfare*, ou seja, como forma de operacionalizar a guerra, quando falamos de uma atividade em si, referindo-nos aos tipos de armas, métodos, teorias, natureza da guerra e outros detalhes associados ao combate. Difere da tradução de *War* (guerra), termo que seria, por definição, mais abrangente, mais totalizante, a luta entre dois ou mais Estados. O termo *warfare* é usado para analisar subsistemas, subdivisões de um todo que é a guerra.

E mais ainda, acreditamos que a definição do conceito de Guerra Híbrida do ponto de vista teórico assume uma grande importância estratégica para o emprego militar do Exército Brasileiro, no contexto de mudanças paradigmáticas nos conflitos contemporâneos.

A possibilidade do conflito com operações de combate com pouca definição no tempo e no espaço, disputado em diferentes níveis, por forças estatais e não estatais, indica que provavelmente a guerra no futuro fique cada vez mais incerta, com

dificuldade de identificação do inimigo dominante e na definição de categorias operativas.

Nesse sentido, o contexto histórico em que ocorreu a fragmentação da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), em 1991, permitiu o encaminhamento de um processo de emancipação dos seus antigos estados periféricos. Em 24 de agosto de 1991, o parlamento ucraniano decidia, por ato, tornar-se um Estado independente e autônomo, apesar da forte ligação étnica, cultural e econômica que existia com os russos. No dia 1º de dezembro de 1991, a população ucraniana referendou a declaração de independência e elegeu Leonid Kravchuk (1991-1994) como seu primeiro presidente.

Nesse novo cenário que se construía após o fim da Guerra Fria, o conflito contra a Chechênia (1994-1996) e a guerra contra a Geórgia (2008) foram ensaios importantes para a renovação das Forças Armadas da Rússia, pois a sua evolução doutrinária ocorreu na esteira do fracasso contra a guerra chechena, permitindo mudanças doutrinárias mais consistentes, cujos resultados podem ser percebidos no sucesso contra a Geórgia e a Ucrânia.

A experiência adquirida nessas duas guerras e o aprofundamento dos estudos das operações dos EUA, no Iraque e no Afeganistão, contribuíram para o desenvolvimento de um novo tipo de guerra russo, que culminou no seu emprego contra a Ucrânia, a anexação da Crimeia e o apoio aos

separatistas pró-Rússia do Leste da Ucrânia, em 2014.

O sucesso das operações russas na Ucrânia surpreendeu os analistas da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e o próprio EUA, que passaram a focar suas avaliações no que eles identificaram como Guerra Híbrida Russa.

2. Da guerra da Geórgia à Guerra da Ucrânia

Em agosto de 2008, o Estado da Geórgia iniciou uma guerra contra a Ossétia do Sul, território separatista “russificado”. O Exército da Rússia interveio logo depois das operações militares no território separatista. Em apenas cinco dias, as forças militares de Moscou derrotaram o Exército georgiano.

Figura 1: Mapa da Guerra Russo-Georgiana



Fonte:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Reconhecimento_internacional_da_independ%C3%AAncia_da_Abec%C3%A1sia_e_Oss%C3%A9tia_do_Sul

O conflito militar entre a Rússia e a Geórgia envolveria não só a Ossétia do Sul, mas também, a Abecásia. Os dois territórios consideravam-se autônomos em relação à Geórgia e possuíam uma forte identidade russa, apesar da falta de reconhecimento da comunidade internacional. A Rússia atacou a

Geórgia em resposta à tentativa de reincorporar, pela força, esse território georgiano que reivindicava sua independência desde o final da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

Após as manobras diplomáticas do então presidente francês, Nicolas Sarkozy, as partes envolvidas assinaram um acordo de paz que permitiu a retirada das tropas russas. Esse curto conflito entre Rússia e Geórgia trouxe à tona o problema de fato que existia nos territórios da antiga URSS, como também foi um ensaio no emprego de ferramentas cibernéticas como artefato militar.

Cerca de duas semanas antes dos bombardeios aéreos e da circulação de tropas russas em território georgiano, a infraestrutura do país foi alvo de ofensiva cibernética, por meio de barragens coordenadas de milhões de pedidos – conhecidos como ataques de negação de serviço distribuídos (Denial of Service – DDoS) – que terminaram por sobrecarregar vários servidores oficiais da Geórgia. Dois dias mais tarde, as investidas de DDoS tornariam inoperante a maioria das páginas oficiais da Geórgia. Durante essa fase, os ataques foram particularmente levados a cabo por *botnets*. (ARRAES, NOGUEIRA, 2020, p. 9).

Os *botnets* são uma rede de computadores conectada com a Internet e infectada por um aplicativo malicioso (malware) que permite ao servidor o comando e controle, isto é, permite o envio de comandos a esses *bots*. Eles foram usados

para lançar mensagens eletrônicas de campanhas publicitárias (spam), mas também foram empregados para ataques de negação de serviço em larga escala.

O objetivo principal do ataque cibernético russo foi preparar a invasão militar da Geórgia, ao centrar seus ataques na parte de infraestrutura crítica estatal. A onda de ciberataques colocou as páginas eletrônicas oficiais do governo georgiano fora do ar. Os alvos foram também os meios de comunicação locais (ARRAES, NOGUEIRA, 2020, p. 9).

O ciberataque de fato limitou uma resposta eficiente da Geórgia, incapaz de coordenar o funcionamento dos diversos órgãos civis e militares, em função da dificuldade de comunicação ampla do governo entre si e com a comunidade local. Ademais, esta investida teria grande impacto psicológico sobre a população, ao gerar pânico e angústia diante da incapacidade de resposta do Estado.

Nesse momento, é possível entender que a Rússia percebeu, nos ataques cibernéticos, uma importante ferramenta da guerra de informação, ao articulá-los com outros meios como o sistema de inteligência, de contra-inteligência, de desativação do sistema de comunicações, de degradação do auxílio de navegação e de destruição da capacidade operacional dos computadores do inimigo.

Com relação à Guerra da Ucrânia e à anexação da Crimeia, em 2014, a primeira

crise política com relação à Crimeia ocorreu em 1992, durante o governo de Leonid Kravchuk, quando a península se declarou independente, decisão ratificada pelo governo russo. Em 1995, no começo do governo de Leonid Kucma (1994-2005), foi revogada a declaração de independência da Crimeia pela Ucrânia, definindo-a como parte integrante do seu território com autonomia política.

O Estado da Ucrânia, no período de 1994 a 2005, deu continuidade a uma política de aproximação com a União Europeia e com a Organização do Tratado do Atlântico Norte, ao mesmo tempo em que manteve boas relações com a Rússia, por conta da dependência energética e da grande porcentagem da população que adotava o idioma russo. Apesar do equilíbrio na política internacional, pouco se fez para resolver os problemas de fronteiras com a Rússia, os problemas étnicos e as tensões na sua política interna relacionada à economia de mercado e a democracia liberal. (LIMA; 2019, p. 42)

Figura 2: Mapa da concentração da população russa na Ucrânia de acordo com o Censo de 2001



Fonte: <https://www.preparaenem.com/geografia/russia-ucrania-disputa-pela-crimea.htm>

Ao final do governo do presidente Kucma, em 2005, havia na sociedade ucraniana a sensação de que não ocorreu nenhuma mudança significativa após o fim da antiga URSS. Esse sentimento favoreceu o aparecimento de intensos protestos populares locais identificados como “Revolução Laranja”, no contexto das chamadas Revoluções Coloridas (Revolução das Rosas, na Geórgia e Revolução das Tulipas, no Quirguistão), que aconteceram nesses três países entre 2003 e 2005.

Para além das disputas políticas que aconteciam entre oposição e situação para substituir o governo Kucma, em 2005, a Revolução Laranja foi intensa o suficiente, com suas greves e paralisações, para anular a primeira votação que elegeu Viktor Yanukovich, candidato pró-Rússia. A nova votação garantiu a eleição de Viktor Yushenko, candidato que apoiava o ingresso da Ucrânia na União Europeia e defendia a adesão a OTAN. A crise política continuou com a disputa entre os interesses russos e os da União Europeia, sendo agravada pela crise econômica mundial de 2008, que aumentou o endividamento ucraniano.

Em 21 de novembro de 2013, pressionado pelo governo russo, o presidente Yanukovich suspendeu as negociações para entrada na União Europeia, o que gerou forte descontentamento em grande parte da população empobrecida, ocasionando uma nova série de distúrbios civis, na Praça Maidan, em Kiev, capital da Ucrânia, que se

estenderam até fevereiro de 2014. Esses novos protestos ficaram conhecidos como Euromaidan e levaram a queda do seu presidente (LIMA, 2019, p. 45).

Esse cenário de distúrbios civis, no contexto das chamadas guerras híbridas, foi bem parecido com as enigmáticas jornadas de junho de 2013, com ocupação das ruas e das redes sociais, que ocasionaram instabilidade no Brasil. Eventos com uma diversidade de atores, “convocados” para as mais diversas formas de se manifestar, reunidos nos mesmos lugares, que contaram com movimentos estudantis, palhaços, grupos sociais e os *black blocs*. As jornadas de junho foram muito mais do que o cálculo premeditado de distúrbios e seus efeitos ultrapassaram a polarização política, levando à radicalização dos movimentos e das respostas. As jornadas de junho foram imprevisíveis, mas não foi um evento isolado, seja em relação aos movimentos internacionais insurrecionais, como a Primavera Árabe, seja em relação às manifestações nacionais, como as ocupações das praças. No caso de junho de 2013, o estopim das revoltas foi o aumento de R\$ 0,20 (20 centavos) na tarifa de ônibus em diversas capitais brasileiras¹.

Para a Rússia de Vladimir Putin, a questão ucraniana significava a possibilidade

¹ Para melhor compreensão do debate ver artigo de Daniel Bustamante Teixeira publicado em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/580737-as-jornadas-de-junho-de-2013-e-a-crise-da-democracia>.

de recuo de suas fronteiras para o Leste, a perda do acesso ao Mar Negro, a perda de uma parcela da população etnicamente ligada à Rússia, a perda de um importante complexo industrial e a perda de extensas áreas de produção agrícola. A aliança militar da Ucrânia com a OTAN significava uma ameaça à posição estratégica russa, com a possibilidade de instalação de bases militares ocidentais próximas ao seu território.

Uma semana após a queda do presidente Viktor Yanukovich, iniciou a circulação de tropa sem identificação, mas dotada de armamento e uniforme russo na Crimeia (*Little Green Men*). A princípio, sem origem confirmada, mas que depois foi identificada como forças especiais da Federação Russa (SHEVCHENKO, 2014).

Figura 3: *Little Green Men*²



Fonte: vide nota de rodapé.

Com a decisão ucraniana pelo não enfrentamento com os *Little Green Men*, pois poderia resultar na invasão por tropas russas,

²Por Anton Holoborodko (АНТОН Голобородько) - <http://www.ex.ua/7667715>, CC BY-SA 3.0, <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=31559793>

iniciou-se uma ocupação de pontos de controle e bloqueios das bases ucranianas peninsulares, tomadas sem confronto. Três semanas depois, em 16 de março de 2014, os habitantes da Crimeia foram convocados para realização do referendo que aprovou a unificação com a Rússia, ratificada no dia seguinte pelo presidente Vladimir Putin (LIMA, 2019, p. 51).

Figura 4: Mapa da Guerra Russo-Ucraniana



Fonte: www.todoestudo.com.br

As operações na Crimeia e a intervenção no leste da Ucrânia tiveram apoio de agentes da inteligência e de forças especiais russas, que apoiaram no treinamento e cessão de armas aos milicianos que atuaram na defesa organizada contra as tropas ucranianas. Houve, ainda, o emprego maciço de meios de Guerra Eletrônica contra a Ucrânia para bloquear sinais de celulares e de rádios e interferir nos canais de rádio HF/UHF (terrestre e de aeronaves), nos terminais móveis e nos rádios troncalizados. Como resultado, os equipamentos de telefonia e de rádio usados pelas forças militares

ucranianas constantemente apresentavam problemas de uso.

Na Crimeia, especificamente, as conexões de internet foram bastante prejudicadas. As milícias ocuparam os escritórios da *Ukrtelecom*, provedor de serviços de telecomunicações, cortando os cabos de telefone e internet. Os milicianos também montaram barreiras para isolar a Crimeia do restante da Ucrânia.

Outro elemento chave foi o uso de propaganda, informação e campanhas de desinformação em larga escala. Para isso, a campanha desenvolvida pela Rússia integrou um crescente uso de ciberataques. Embora os analistas indiquem uma alta possibilidade de envolvimento russo, a atribuição de ações no meio cibernético é algo bastante complicado, pela dificuldade de rastreamento dos ataques. No caso em estudo, *hackers* ucranianos assumiram a autoria de alguns deles (KOVAL, 2015). Em maio de 2014, a *Cyber Berkut*, composta por membros das forças policiais ucranianas, grupo ‘separatista’ dessa região, assumiu a autoria dos ataques cibernéticos que atingiram os serviços de telefonia celular dos membros do Parlamento ucraniano. De acordo com o relatório do *F-Secure Labs* (2014), uma variação denominada *Black Energy 215* da mesma família dos *malwares* utilizados em ciberataques contra a Geórgia (2008) foi utilizada contra alvos políticos do governo ucraniano. A *Cyber Berkut* foi, também, responsável pelo ataque que violou sistemas

centrais de informação ucranianos, comprometendo o funcionamento dos servidores da Comissão Central das Eleições (CASALUNGA, 2018, p. 12).

As operações de Guerra Cibernética constituíram uma das principais ferramentas da guerra de informações russa, na qual foram empregadas técnicas que envolveram o comprometimento de redes para obter informações de inteligência usadas para distorcer, desacreditar ou falsificar informações.

3. A renovação da doutrina militar russa e o emprego de um novo tipo de guerra

Para o tenente-coronel da reserva (US Army) Timothy Thomas, no artigo publicado na *Military Review*, em 2017, depois da guerra da Ucrânia, concretizaram-se importantes mudanças de paradigmas nas características da guerra empregada pela Rússia. Sua afirmação foi balizada pela análise de três importantes documentos, produzidos no contexto de atualização do pensamento militar russo: o discurso do general Gerasimov, chefe do Estado-Maior Geral das Forças Armadas da Federação Russa, publicado no jornal *Voyenno-Promyshlennyy* (VPK), no início de 2013, que discute tendências e novas formas e métodos de luta, construídas com base nas suas experiências na Primavera Árabe, que entendeu como um novo modelo de guerra (RĄCZ, 2015, p. 36); o artigo do general Bogdanov e do coronel Chekinov, no final de

2013, que define o que eles chamam de guerra de nova geração; e o discurso do general Kartapolov, no início de 2015, que examina um novo tipo de guerra, considerado a base para formação da nova doutrina militar russa.

Cada documento enfatiza um ou mais elementos que formariam o novo pensamento militar russo. No discurso de Gerasimov, foram identificadas algumas tendências na nova forma de guerra, dentre os quais podemos sinalizar: as guerras não são mais declaradas; as revoluções coloridas podem ocorrer rapidamente (demonstrações populares de massa realizadas em conjunto com outros esforços populares para minar instituições nacionais de governo); as novas guerras são como guerras regulares, (sua menção ao *new type of war* (NTW) precede a Kartapolov em dois anos, e, segundo o autor, Gerasimov nunca usou o termo *guerra de nova geração* em nenhum momento dos seus cinco discursos anuais na Academia Russa de Ciências Militares); e os métodos não militares, na atualidade, são mais eficazes do que os métodos militares (THOMAS, 2017, p. 36).

No primeiro documento analisado, Thomas identifica, no discurso de Valery Gerasimov, as condições necessárias para controlar um conflito. Nesse caso, seria o uso de uma combinação de métodos necessários, incluindo o emprego de operações de informações, operações não militares como o incentivo de protestos da população local e missões de forças de operações especiais.

Todas essas condições puderam ser observadas com bastante clareza na Guerra da Ucrânia, com a anexação da Crimeia, em 2014. O oficial norte-americano descreve, ainda, uma série de aspectos de como a guerra na atualidade seria desenvolvida. Nesse novo contexto da guerra, a tecnologia de informação reduz o espaço e o tempo entre os dois lados do conflito, favorecendo a tática do engajamento remoto ou sem contato. Ele descreve que os níveis estratégicos, operacionais, ofensivos, defensivos e táticos estariam nivelados em razão do uso de novas tecnologias de informações e de comunicações (THOMAS, 2017, p. 36).

Para Thomas, os analistas do Ocidente identificam o conceito de Guerra Híbrida nos métodos de guerras empregados pela Rússia. Por mais que o conceito tenha sido aprofundado e tenha ganhado credibilidade na OTAN e nos EUA, os formuladores do pensamento militar russo não aceitam ou admitem que as suas forças armadas empreguem operações híbridas. Para os russos, eles não conduzem uma guerra híbrida, mas ao contrário, são os ocidentais que têm empregado o método contra a Rússia. (THOMAS, 2017, p. 38). Para os russos, a guerra é pensada com base nos interesses nacionais e no contexto de suas posições históricas, culturais e geopolíticas.

Thomas percebeu, em Gerasimov, ainda, a importância do emprego de forças militares móveis conjuntas em operações de reconhecimento e na busca de informações, a

eficácia das zonas de exclusão aérea, os bloqueios e o uso de operações de forças especiais na população da Ucrânia. Para o analista, Gerasimov acreditava na necessidade de aprimoramento e desenvolvimento dos conflitos assimétricos (THOMAS, 2017, p. 36). Um aspecto importante da doutrina Gerasimov foi a busca da integração das infraestruturas militares e civis na defesa da Rússia, com apoio das estruturas estatais facilitando a tomada de decisão.

No segundo momento, Thomas analisa o artigo *On the Character and Content of Wars of a New Generation*, do tenente-general reformado S. A. Bogdanov e do coronel da reserva S. G. Chekinov, de 2013, publicado na *Voennaya Mysl*, naquilo que eles chamam de guerra de nova geração (NWG), demonstrando a importância da superioridade das informações e das operações antecipadas para o sucesso do conflito, pois para os russos o primeiro a ver será o primeiro a iniciar as ações decisivas (THOMAS, 2017, p. 37-38).

No terceiro momento, Thomas identifica no discurso do tenente-general Andrey V. Kartapolov, chefe de operações do Estado-Maior Geral Russo, feito em 2015, na Academia Russa de Ciência Militar, os novos tipos de guerra, que seriam formas e métodos não convencionais que estavam sendo desenvolvidos para o emprego das Forças Armadas russas, possibilitando a superioridade tecnológica ao inimigo. A principal característica estaria baseada no

método assimétrico para enfrentar o inimigo. (THOMAS, 2017, p. 39)

Kartapolov afirma em seu discurso que as mudanças em grande escala com o uso de munições guiadas de precisão mudaram as características da guerra, uma vez que elas são dirigidas não apenas contra tropas regulares estatais, mas também contra infraestruturas críticas do Estado oponente. Os EUA e a OTAN, com seus novos sistemas estratégicos de defesa antimísseis, estariam afetando a estabilidade global e intervindo no equilíbrio de forças desenvolvidas na esfera dos mísseis nucleares. Esse contexto estaria trazendo o desequilíbrio regional nas áreas de influência russa. Kartapolov trata de muitos elementos do pensamento militar russo presente em Gerasimov, Chekinov e Bogdanov, incluindo a necessidade de desenvolver novas armas, novas naturezas de luta armada e o uso crescente de modelos de guerra não tradicionais, combinando ação direta e indireta (THOMAS, 2017, p. 39).

Em outra análise, a guerra híbrida na Rússia é descrita pelo jornalista e analista de geopolítica russo Andrew Korybko como:

a Western effort in general that aims to destabilize Russia's neighborhood through "colored revolutions" fifth column-driven regime changes, subversive use of social media and internet, a "Lead From Behind" policy. (KASAPOGLU, 2015, p. 2)

Nessa descrição, a definição de Kasapoglu foi baseada na leitura da Doutrina Gerasimov, pela qual Korybko se apoiou para analisar o cenário de conflitos que envolvem

os antigos territórios que formavam a URSS, articulado ao emprego de intervenções desestabilizadoras dos países ocidentais sobre a área de influência russa, especificamente na Geórgia e na Ucrânia.

Korybko, conselheiro do *Strategic Studies and Predictions*, é um autor bastante alinhado com o objeto de reflexão, visto que trabalha na agência de notícias russa Sputnik, associada ao governo russo. Seu livro publicado recentemente no Brasil, *Guerra Híbrida: das revoluções coloridas aos golpes* (2018), pela Editora Expressão Popular, observa elementos teóricos e práticos que levaram as guerras irregulares a derivarem em guerras de quarta geração e revoluções coloridas. Nesse contexto, o livro analisa a proliferação do uso das redes sociais e a disseminação das *fake news* com o objetivo de promover a desestabilização política, com o financiamento e instrumentalização de diversos atores sociais em nome de interesses externos, para a promoção de golpes mais brandos.

Na sua pesquisa, Kasapoglu, analista de defesa da *NATO Defense College*, identifica que a guerra não linear de Moscou reflete um novo ou renovado pensamento militar russo e foi amparada em dois aspectos teóricos combinados que ajudaram na formação do modelo. O primeiro foi retirado da *Soviet Deep Operation Theory* (Teoria da Operação Profunda Soviética) desenvolvida pelo Marechal Marshal Mikhail Tukachevsky, nos anos 1980, baseado no emprego combinado

de armas, com o uso de carros de combate em operações que tinham como objetivo destruir a logística, a retaguarda inimiga, e cortar as comunicações, por meio de grande poder de fogo. O segundo foi retirado da *Reflexive Control Theory* (Teoria do Controle Reflexivo), referente a métodos sistemáticos que moldam as percepções do inimigo, de forma que suas decisões se tornem voluntárias e favoráveis aos interesses estratégicos da Rússia (KASAPOGLU, 2015, p. 2).

Para Kasapoglu, desde a guerra contra a Geórgia, a Rússia desenvolveu a Teoria das Operações Profundas, com uma nova modelagem, utilizando o emprego de forças de operações especiais, guerra de informações, operações de inteligência e ataques cibernéticos contra o setor político, econômico e a opinião pública, de modo a enfraquecer o governo local e permitir a operação de fases seguintes da guerra híbrida, como a invasão de tropas regulares estatais.

Nesse sentido, a guerra de informações, com o uso maciço do Controle Reflexivo, ajudou a construir naquele momento, uma narrativa favorável aos interesses russos. Além disso, ajudou a controlar a opinião pública e impedir a interferência da OTAN e dos EUA no processo que estava em andamento.

Já András Rác (2015), pesquisador sênior do *The Finnish Institute of International Affairs in Helsinki*, especialista em política de segurança russa e da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas,

no livro *Russia's Hybrid War in Ukraine: Breaking the Enemy's Ability to Resist*, que estuda as operações na Ucrânia em 2014, demonstra como a Rússia derrotou o inimigo sem o emprego de tropas regulares, com o uso do que ele chama de guerra híbrida. O novo modelo de guerra empregado impediu a capacidade de reação ucraniana e levou à anexação da Crimeia.

Para Rácz, as operações da Rússia na Ucrânia foram muito mais amplas do que qualquer analista anterior que investigava a evolução das guerras poderia ter imaginado. Em contraste com pesquisas anteriores, a guerra híbrida russa não se concentrou apenas no campo de batalha ou no teatro de operações. Ao invés disso, a principal ênfase foi nos métodos não militares, que diminuíram a necessidade de um confronto armado.

Na leitura de Gerasimov, Rácz identifica o uso dissolvido e não aberto da força, com a utilização de unidades insurgentes paramilitares e civis e enfatiza a necessidade de confiar nos métodos assimétricos e indiretos. Ele insiste que, além da realidade física do combate, a guerra deve incluir também o espaço informacional, em que a coordenação em tempo real dos meios e ferramentas utilizadas é possível. Ele enfatiza que os ataques direcionados e bem conduzidos atrás das linhas inimigas devem ter como objetivo a destruição da infraestrutura crítica, tanto as relacionadas aos seus elementos militares como civis, de

preferência em um curto período temporal. Segundo Rácz, Gerasimov defende o uso intenso de forças de operações especiais e armas automatizadas, como os *drones*. Por fim, Gerasimov define que as forças regulares devem ser usadas apenas no final das fases operacionais do conflito, muitas vezes sob o disfarce de Forças de Manutenção de Paz ou forças de gestão de crises.

Nesse contexto, Rácz identifica as fases operacionais da guerra híbrida russa, com base nos estudos da Guerra da Ucrânia e divide o conflito em três fases operacionais: preparatória, ataque e estabilização.

A primeira fase começa com uma campanha militar coordenada de meses, extremamente intensa, lançada contra o país alvo, incluindo medidas diplomáticas, econômicas, psicológicas, guerra eletrônica e guerra de informação. Somado a isso, uma forte campanha de propaganda foi conduzida para deprimir a população inimiga, provocar descontentamento no governo central e enfraquecer o moral das forças armadas. Houve o emprego de agentes secretos posicionados dentro do país-alvo, devidamente abastecidos com fundos, armamento e outros materiais para cometer atos terroristas, conduzir provocações e criar caos e instabilidade. Imediatamente antes do início da fase militar, é esperado reconhecimento em grande escala e missões subversivas, que usam todos os meios e métodos possíveis de coleta de informações, que vão desde ferramentas de sinalização

diplomática até espionagem para localizar e mapear as unidades militares inimigas, as principais instalações governamentais e a infraestrutura crítica. Em seguida, foram realizadas operações de guerra eletrônica em grande escala para incapacitar as comunicações do governo e as atividades militares (RÁCZ, 2015, p. 38-39).

A segunda fase, imediatamente depois da fase preparatória, seria o ataque militar, provavelmente com uma operação aérea massiva envolvendo mísseis de precisão, *drones* e outras armas automatizadas, bem como artilharia de longo alcance. A última fase seria a ocupação do território do país alvo com tropas regulares, a fim de isolar e destruir pontos de resistência restantes (RÁCZ, 2015, p. 39).

4. Reflexões finais e Implicações para o Exército

A anexação da Crimeia demonstra que nenhum país está imunizado contra novas ameaças da guerra híbrida e novas tensões surgidas no mundo contemporâneo, pós-Guerra Fria, principalmente, quando pensamos na manutenção da soberania, na preservação da democracia e na integridade do território. Nesse sentido, muito mais do que uma atividade do ambiente operacional, a guerra híbrida apresenta potencialidades para atuar no ambiente político, seja pela desestabilização de governos, seja pelo ataque as infraestruturas críticas.

Assim como o general Valery Gerasimov que, em seu discurso de 2013, criticou a falta de pensamentos inovadores nas forças armadas russas em comparação ao que ocorreu na Segunda Guerra Mundial, devemos colocar em pauta, na Força Terrestre brasileira, a necessidade de discutir novas ideias que levem à atualização do pensamento militar e pensar em novas formas de emprego da guerra. Assim, percebemos a necessidade de incluir uma mentalidade crescente sobre a importância da guerra de informação, bem como o surgimento de redes de comunicações globais em comando e controle e a potencialidade de emprego de capacidades de ataques combinados.

Nesse sentido, o aparecimento de novas formas de fazer a guerra, balizadas por tensões étnicas, religiosas e culturais, pode significar o início de um processo separatista, principalmente, em alguns Estados onde já existe uma pré-definição situacional de conflitos dessas naturezas. A situação de tensão social existente pode ser agravada ainda mais, quando o Estado convive harmoniosamente com um elevado grau de corrupção, envolvendo setores dos três poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário) com empresas públicas e privadas, articulados a interesses de ganhos monetários individuais. Se, em alguns casos, o nacionalismo exacerbado pode intensificar esses conflitos, a falta de nacionalismo pode levar os entes corrompidos a tratarem a coisa pública como parte dos seus interesses privados.

A ideia de destruir um Estado pela convulsão social, antes da declaração de guerra, é uma forma importante na metodologia da *New Type of War*. Gerasimov identifica que ocorreram mudanças nas rígidas regras da guerra. Para ele, o foco do conflito foi alterado em direção ao amplo emprego de medidas de caráter político, econômico, informacional, humanitário e outras medidas tipicamente não militares articuladas com a coordenação de potenciais protestos populacionais. As novas tecnologias da informação permitiram que muitas dessas mudanças fossem possíveis, abrindo as portas para o amplo uso de operações assimétricas no combate ao inimigo, principalmente através de Operações Psicológicas, Operações de Contrainteligência, Operações de Contrapropaganda e Operações de Assuntos Cívicos. Esse conjunto de operações atende à necessidade de influenciar as decisões do adversário, permitindo o comando operacional preparar e delinear o campo de batalha, transmitindo informações e indicativos selecionados do público-alvo.

Um aspecto importante da guerra russa na Anexação da Crimeia foi aproveitar o estado de convulsão social existente, favorecido pelo ambiente político com grandes índices de corrupção e criar diferentes interpretações dos acontecimentos, tanto na população local afetada pelos ataques, como na comunidade internacional. Essa condição, estabelecida na primeira fase operacional da guerra russa, permitiu a fabricação de uma

narrativa dominante como verdadeira sobre o que estava acontecendo, dificultando o seu entendimento e moldando a opinião pública (RÁCZ, 2015, p. 38-39). Daí a necessidade de incutir cada vez mais na Força Terrestre, a importância do uso de operações de informações como uma das partes mais importantes de uma guerra de novo tipo. Diante do ambiente operacional em transformação constante, onde a tecnologia cria mudanças cada vez mais rápidas na área da informação, o Manual de Campanha Operações de Informação (EB20-MC-10.213) tem que ser atualizado constantemente, com a observação de novos conflitos.

Tamanha é a importância da superioridade das informações na atualidade, que se verifica a necessidade de considerar, na Força Terrestre do Brasil, a maior integração das capacidades relacionadas à guerra de informação composta por: inteligência, guerra eletrônica, guerra cibernética, uso de forças de operações especiais, operações psicológicas e comunicação social. Nas Forças Armadas Russas, essas capacidades estão integradas e subordinadas a um órgão centralizador, o que possibilita a unidade e a convergência de esforços.

Embora não exista uma doutrina militar russa para guerra híbrida, o termo passou a ser amplamente utilizado pela mídia ocidental e por analistas da OTAN. A observação do pensamento militar russo no seu modo de conduzir a guerra tornou-se uma

nova tendência, pois os eventos da Ucrânia trouxeram uma nova forma de combater.

O fato é que as ferramentas utilizadas pela Rússia criaram uma forma bastante eficaz de lutar em um ambiente de amplo espectro. Ao utilizar uma variada forma de estratégias contra seus inimigos, a Rússia soube potencializar todas as vantagens desse ambiente, operando com atores estatais e não estatais, com grupos criminosos, com forças de operações especiais e com a diplomacia para alavancar a convulsão social e a instabilidade do inimigo, dificultando sua tomada de decisão. Fica claro que o novo tipo de guerra empregado pela Rússia na Ucrânia serve como ponto de observação e estudo para todas as forças armadas. O conflito deve ser trabalhado de forma concentrada em todos os campos do poder nacional: político, econômico, militar, psicossocial e científico tecnológico.

O conceito de Guerra Não Linear da Rússia deve ser observado com o uso articulado de forças militares, de operações de informações, com o político e com o emprego de organizações não militares, que inclui, nesse caso, forças de operações especiais, forças irregulares e tropa de mercenários, como foi usado na Ucrânia. Esse novo modelo de guerra está presente na Doutrina Militar Russa (RUSSIAN FEDERATION, 2014), aprovada pelo governo Putin em 25 de dezembro de 2014, que identifica a permanência dos conflitos regionais, inclusive nas regiões que fazem fronteiras com a

Federação Russa. Para tanto, dentre as características dos conflitos atuais, a doutrina identifica como primeiro item o emprego integrado de força militar com medidas políticas, econômicas, operações de informações e emprego de medidas não militares implantadas com amplo uso de protesto popular e forças de operações especiais.

Para a Rússia, foram essenciais para atingir o seu objetivo na Ucrânia: o emprego de forças e de equipamentos sem identificação, para negar o envolvimento no conflito; o emprego de um batalhão independente, que atuou desdobrado na Ucrânia; e a capacidade de autossustentação do batalhão, utilizando-se de meios de guerra eletrônica, defesa antiaérea e apoio de fogo de longo alcance.

Sendo assim, as condições para o sucesso da Guerra Não Linear russa na guerra contra a Ucrânia foram a superioridade militar, com perigo de um ataque convencional esmagador; a existência de vulnerabilidade na estrutura de comando e controle do inimigo, por conta de um governo central fraco, mau funcionamento da administração pública, instituições débeis pela corrupção e forças armadas mal remuneradas e mal equipadas; a insatisfação do povo com a política de governo, articulada às tensões étnicas e interesses separatistas; a presença de uma grande parcela da população residente falante do idioma russo; apoio midiático dentro e fora do país alvo; e uma boa logística

de apoio das operações executadas, que foi facilitada pela presença de fronteiras comuns com fraca ou nenhuma segurança do inimigo.

Com respeito à visão ortodoxa que o Exército Brasileiro tem dos conflitos armados, no mundo contemporâneo, com o domínio das informações, a Força Terrestre deve estar apta para: formular estratégias que contemplem o uso de meios não militares; desenvolver ações integradas e sinérgicas nos ambientes físicos, humano e informacional; combinar o uso de meios letais e não letais para se alcançar o objetivo final de um combate; usar de forma precisa e eficaz o poder de combate, com maior controle de danos e redução dos efeitos colaterais; oferecer respostas ágeis e flexíveis em ambientes em constante mudança; agregar valor psicológico às ações de combate; interagir com a mídia, órgãos de defesa dos direitos humanos, organizações não governamentais e outras agências estatais ou não estatais que possam estar presentes na

área de operações; e utilizar com habilidade os instrumentos jurídicos disponíveis, a fim de assegurar a legitimidade do uso da força.

Nesse novo cenário que está sendo construído em pleno século XXI, com as chamadas ameaças híbridas, compete aos elementos das forças especiais e desenvolvimento tecnológico o novo protagonismo no campo de batalha assimétrico, deixando para trás a condição de coadjuvante das operações militares convencionais. Nesse sentido, podemos destacar a necessidade de maior adequação e melhor preparação da Força Terrestre por meio de disseminação de táticas, técnicas e procedimentos, até então restritos às Forças de Operações Especiais, e a expansão dos núcleos profissionais de operações especiais. Além disso, é necessário o melhoramento na qualificação dos recursos humanos da tropa regular e a adoção de estruturas organizacionais mais leves e ágeis (F Op Esp, Defesa Cibernética, Com Soc e Op Psc).

Referências

ARRAES, Virgílio Caixeta, e NOGUEIRA, Michel Gomes. A Guerra Russo-Georgiana (2008): a inovação tecnológica em campo. *Meridiano 47*, Journal of Global Studies, 21: e21001, 2020. Publicado em: <https://periodicos.unb.br/index.php/MED/article/view/29160/26174>. Acesso em: 11 dez. 2020.

BARTLES, Charles K. Getting Gerasimov Right. *Military Review*, v. 96, n. 1, 2016, p. 30-38. Disponível em: https://www.armyupress.army.mil/Portals/7/military-review/Archives/English/MilitaryReview_20160228_art009.pdf. Acesso em: 20 dez. 2020.

CASALUNGA, Fernando Henrique. Guerra Híbrida Cibernética: uma análise do conflito Rússia-Ucrânia (2014-2016) sob a perspectiva da tecnologia da informação. *Anais do 10º Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos de Defesa*. São Paulo: ABED, 2018.

CHEKINOV, Sergey G.; e BOGDANOV, Sergey A. The nature and content of a new-generation war, *Military thought*, v. 4, 2013, p. 12-23. Disponível em: <https://www.usni.org/sites/default/files/inline-files/Chekinov-Bogdanov%20Military%20Thought%202013.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2020.

GERASIMOV, Valery. O Valor da ciência na previsão: novos desafios exigem um repensar das formas e métodos de guerra. *Jornal Voyenno-Promyshlenny (VPK)*, 26/02/2013. Disponível em: <https://vpk-news.ru/articles/14632>. Acesso em: 20 dez. 2020.

KASAPOGLU, Can. Russia's Renewed Military Thinking: Non-linear Warfare and Reflexive Control. *Research Paper*, Rome, Research Division, NATO Defense College, n. 121, november, 2015. Disponível em: https://www.files.ethz.ch/isn/195099/rp_121.pdf. Acesso em: 14 dez. 2020.

KORYBKO, Andrew. *Guerra Híbrida: das revoluções coloridas aos golpes*. Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2018.

KOVAL, Nikolay. Revolution Hacking. In.: GEERS, Kenneth (Ed.). *Cyber War in Perspective: Russian Aggression against Ukraine*. Estônia: NATO Cooperative Cyber Defence, Centre of Excellence Tallinn, 2015. Disponível em: https://ccdcoe.org/uploads/2018/10/Ch06_CyberWarinPerspective_Koval.pdf. Acesso em: 26 fev. 2021.

LIMA, Joilson Silva. *Crise da Criméia (2014): aspectos da Ordem Mundial e Lições para o Brasil*. Monografia. Rio de Janeiro: ESG, 2019.

RÁCZ, András. *Russia's Hybrid War in Ukraine: Breaking the Enemy's Ability to Resist*. Finnish Institute of International Affairs, 2015. Disponível em: <https://stratcomcoe.org/andras-racz-russias-hybrid-war-ukraine-breaking-enemys-ability-resist>. Acesso em: 14 dez. 2020.

THOMAS, Timothy. The Evolving Nature of Russia's Way of War. *Military Review*, julho-Agosto, 2017. Disponível em: <https://www.armyupress.army.mil/Journals/Military-Review/English-Edition-Archives/July-August-2017/Thomas-Russias-Way-of-War/>. Acesso em: 14 dez. 2020.

RUSSIAN FEDERATION. The Military Doctrine of The Russian Federation. 25 December 2014. Disponível em: <https://rusemb.org.uk/press/2029>. Acesso em: 19 dez. 2020.

SHEVCHENKO, Vitaly. "Little green men" or "Russian invaders". BBC News, 11 march 2014. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-europe-26532154>. Acesso em: 19 dez. 2020.